

CARTA-PREFÁCIO DE LUÍS DA CÂMARA CASCUDO PARA SEVERINO BEZERRA

Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro (UERN)

RESUMO: De acordo com o Ferreira (s/d), carta é uma “comunicação manuscrita ou impressa, endereçada a uma ou várias pessoas; missiva, epístola” e prefácio é o “Discurso ou advertência que antecede obra escrita; prólogo, preâmbulo introdução”. Conforme os conceitos extraídos do dicionário, os gêneros citados pouco ou nada têm em comum, porém quando se trata de textos híbridos essa caracterização pode se alterar e um vir a se metamorfosear em outro, como é o caso da carta escrita por Luís da Câmara Cascudo ao professor Severino Bezerra. A missiva, cujo conteúdo tratava de um assunto do cotidiano dos dois amigos, foi posteriormente transformada em prefácio para a obra *Para errar menos: conversa com estudantes* (1963). Este artigo analisa o texto introdutório, ou seja, a carta-prefácio, escrita por Luís da Câmara Cascudo, para um livro de Português, e tem como objetivo discutir sobre as concepções de ensino/estudo da língua materna e de suas literaturas presentes no paratexto.

Palavras-chave: Luís da Câmara Cascudo; Carta; Prefácio; Ensino; Língua; Literatura.

Abstract: According to Ferreira (s/d), letter is a "handwritten or printed communication addressed to a person or persons; missive, epistle" and the preface is the "Speech or warning prior written work; prologue, preamble introduction". According to the concepts extracted from the dictionary, the genres mentioned have little or nothing in common, but when it comes to hybrid texts that characterization may change and eventually metamorphose into another, such as the letter written by Luís da Cascudo to Professor Severino Bezerra. The letter, whose content was a matter of daily life of the two friends, was later transformed into a preface to the work *Para errar menos: conversa com estudantes* (1963). This article analyzes the introductory text, ie, the letter-preface, written by Luís da Câmara Cascudo for a book of Portuguese, and aims to discuss the concepts of teaching / study of the native language and its literature present in the paratext.

Key-words: Luís da Câmara Cascudo; Charter; Preface; education; language; Literature.

1. Considerações Introdutórias

O gênero carta foi, por muitos anos, considerado uma das poucas, quiçá a única forma de estabelecer contato com alguém que estivesse distante do alcance da voz, por isso escrever cartas fazia parte daquele contexto. Luís da Câmara Cascudo, fazendo as vezes de articulador do movimento modernista no Rio Grande do Norte, usou essa ferramenta de comunicação com o intuito de trocar experiências com intelectuais de

MONTEIRO, M. C. S. D. Carta-prefácio de Luís da Câmara Cascudo...

várias partes do mundo. E foi por esse motivo que, a partir da década de 20 do século XX, o intelectual potiguar passou a se corresponder com pesquisadores, críticos de arte, poetas e escritores, como Gilberto Freyre (FERREIRA, 2008), Joaquim Inojosa (Cf. ARAÚJO, 2012) e Mario de Andrade. A troca de cartas entre os pesquisadores da cultura popular, especialmente Mário de Andrade, foi objeto de estudo e está registrado em uma dissertação de mestrado (Cf. GOMES, 1999).

A carta — por ser um gênero íntimo e particular — carrega como conteúdo informações que deveriam ser compartilhadas apenas pela pessoa que a enviou/recebeu, mas nem sempre é assim; há registros de correspondências que vieram a público e que se tornaram objeto de estudo de pesquisadores, como é o caso do prefácio em forma de carta aqui estudado.

O prefácio, cuja função é antecipar informações sobre a obra que será lida a *posteriori*, e muitas vezes é considerado um texto marginal, tem sua origem no latim (*praefatio*) e no grego (*prólogos*).

O objetivo deste trabalho é apresentar uma leitura de uma carta que foi usada como prefácio, escrita por Luís da Câmara Cascudo. Serviram como pressupostos teóricos para fundamentar a análise as leituras de Candido (1980; 1989; 2002; 2005), Zilberman & Rösing (2009), Teles (1989), Araújo (2012), entre outros.

2. Luís da Câmara Cascudo: professor ou prefaciador?

O livro *Para errar menos: conversa com estudantes* (1963), escrito pelo professor Severino Bezerra de Melo, trata da relevância da língua portuguesa e do ensino, seja da língua, seja da literatura.

No texto introdutório à obra, Luís da Câmara Cascudo discute sobre o assunto e apresenta sugestões de como seria, na sua opinião, uma boa aula. Apesar dos posicionamentos conservadores do autor e do prefaciador sobre o ensino de literatura, faz-se relevante destacar a atualidade temática do prefácio em referências como “aparelhagem didática” e “[...] ensino claro, despido das sonoras armadilhas do manejo clássico [...]”.

O prefaciador expõe um perfil ideal de professor espelhado em seus antigos mestres que, segundo ele, “foram as glórias do magistério”, além de descrever a língua portuguesa como sendo: “um desses mundos imediatos e desconhecidos” (CASCUDO,

MONTEIRO, M. C. S. D. Carta-prefácio de Luís da Câmara Cascudo...

1963, p. 09), cuja literatura se constitui de forma simples e prática, conforme a escrita do português Frei Luís de Sousa e do brasileiro Machado de Assis. Nesta direção, o prefácio revela um conceito de tradição sobre o qual se baseia o discurso em questão e uma prática valorizadora do trabalho direto com o texto literário.

A terminologia utilizada por Luís da Câmara Cascudo mostra que ele estava inteirado sobre o problema e concorda que a metodologia inadequada dificultava e tornava problemática a aprendizagem da linguagem. O interesse na leitura do referido prefácio vem da constatação de que a realidade sobre a qual opina o autor permanece como um problema na atualidade.

A escritura do prefácio não tem um gênero definido, sendo adotado pelo prefaciador o “modelo” selecionado por ele e considerado adequado para cada obra a ser prefaciada. Então, é comum encontrarmos prefácios em forma de carta, de entrevista, de depoimento, dentre outros formatos de modo a caracterizar um registro híbrido.

O conteúdo dos prefácios quase sempre contempla considerações sobre a obra prefaciada, porém, às vezes, traz dados biográficos do autor e informações que o prefaciador fornece ao leitor, no intuito de facilitar o entendimento da obra.

Para melhor esclarecimento, vamos recorrer a outros estudiosos que discorrem sobre a relevância desse gênero. No livro *Retórica do silêncio I* (1989), obra na qual discute acerca da função do prefácio, Gilberto Mendonça Teles define o gênero:

[...] todo texto destinado a recobrir os vários tipos de linguagem que se produz ao lado de uma obra literária, guardando com ela relações simétricas ou assimétricas, uma vez que procura reduplicá-la, explicá-la, reduzi-la ou colocar-se como índice de seu relacionamento com o mundo da literatura ou com as estruturas extraliterárias que a cercaram no momento mesmo de sua criação (TELES, 1989, p. 05).

Em sua tese, o pesquisador Cléber Santos Vieira também trata do mesmo assunto e esclarece:

Denominam-se prefácios todos os discursos liminares produzidos a propósito de determinado texto. Os vínculos sistemáticos, históricos e contextuais com o impresso converteram os prefácios em preciosas fontes

MONTEIRO, M. C. S. D. Carta-prefácio de Luís da Câmara Cascudo...

de pesquisa da história do livro nos mais variados gêneros da cultura escrita (VIEIRA, 2008, p. 26).

A partir desse ponto de vista, entendemos porque a carta referida, que faz referência à obra e guarda informações sobre ela, pode ser considerada como prefácio. O ponto de partida da análise dos prefácios cascudianos é a proposição de que a leitura destes viabiliza uma melhor compreensão da história da literatura, da memória cultural e da literatura produzida especificamente no Rio Grande do Norte.

O prefácio à obra *Para errar menos*: conversa com estudantes (1963), revela, já em seu primeiro parágrafo, uma constatação feita pelo prefaciador: “Tenho a impressão de saber relativamente bem algumas cousas e candidamente ignorar outras” (CASCUDO, 1963, p. 09). Ainda no mesmo parágrafo, Luís da Câmara Cascudo faz a seguinte afirmação: “Um desses mundos imediatos e desconhecidos é justamente o idioma que falo, do nascimento, e escrevo há quase sessenta anos” (CASCUDO, 1963, p. 09).

Ao concluir a leitura desse trecho do prefácio escrito pelo autor de *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954), a impressão que se tem é a de que ele estaria se colocando em pé de igualdade com o leitor do livro, ou ainda, que ao revelar esse “desconhecimento” acerca de seu idioma, em relação à sua língua mãe, ele se põe como igual. Mas, será que Luís da Câmara Cascudo estava fazendo uma revelação ou uma brincadeira?

Sendo escritor desde muito jovem — porque publicou seu primeiro livro *Alma Patrícia* em 1921 — é ingenuidade acreditar na falta de traquejo do prefaciador para com a língua portuguesa, tendo em vista que ele já havia escrito até aquele momento, 1963, cerca de 40 obras, em português — sem citar aquelas escritas em outros idiomas ou as que traduziu para nosso vernáculo —, o que nos possibilita pensar que as suas afirmações não condizem com a realidade.

Luís da Câmara Cascudo desfaz essa aparente fragilidade em relação ao português e expõe a sua experiência como usuário da língua: “Vivendo com os livros, viajando pelo mundo, convivendo sempre, surpreende-me a diversidade de nossa linguagem [...]” (CASCUDO, 1963, p. 09). Essa intimidade com a língua, essa relação estreita com a linguagem, o credenciam para se posicionar sobre a língua portuguesa, a linguagem de um ponto de vista amplo e sobre o conjunto de regras que a norteiam:

MONTEIRO, M. C. S. D. Carta-prefácio de Luís da Câmara Cascudo...

“[...] surpreende-me a diversidade de nossa linguagem, não na expressão de sua prosódia, mas na parte regulamentar de suas regras, começando pela simples regência” (CASCUDO, 1963, p. 09). Essa afirmação do prefaciador reforça a tese de que ele era, de fato, um profundo conhecedor de sua língua.

O prefaciador faz um *raio-x*, ou seja, uma espécie de diagnóstico da situação da língua portuguesa pelo mundo. Para tanto, apresenta um panorama mostrando a posição ocupada pelo idioma fora do Brasil, evidenciando o “mundo” que fala português, com o auxílio da geografia e da matemática para argumentar com dados quantitativos:

Seremos presentemente 100.000.000 de vozes falando o português. Numa distância de apenas três meses, tenho no ouvido a sonoridade do português em Portugal e nas províncias Ultramarinas, o português de Moçambique, de Angola, do Congo, de Cabinda, de S. Tomé, da Guiné,[...] (CASCUDO, 1963, p. 09).

Cita, ainda, a diversidade dos falantes da língua: “[...] a sonoridade do português [...] de brancos e de pretos, analfabetos e letrados” (CASCUDO, 1963, p. 09). Essa diversidade observada pelo escritor e a variação no idioma denunciam, de forma clara, a existência de expressões linguísticas distintas, classificadas pela raça, classe social e nível de escolaridade: “de brancos e de pretos, analfabetos e letrados”.

Demonstrando preocupação em relação ao funcionamento da língua, Luís da Câmara Cascudo afirma e propõe: “Convenço-me da eternidade da língua e também da inevitável necessidade de uma reforma, mais substancial que a agrária [...]” (CASCUDO, 1963, p. 09). Essa noção de “eternidade da língua” nas palavras do escritor representa o seu pensamento sobre o fenômeno linguístico e sobre a cultura, tendo em vista que a eternidade pode ser entendida como a tradição que se renova de acordo com a necessidade. Além da reforma, necessária aos olhos do prefaciador, ele propõe também que a língua atinja “[...] áreas desmarcadas de influência, pondo as leis do idioma ao alcance da lógica, aproximando as normas da linguística no tempo alucinante em que vivemos” (CASCUDO, 1963, p. 09). Essa proposição do escritor, do texto que está sendo analisado, mostra que seu pensamento estava em consonância com o pensamento moderno sobre a língua, tendo em vista ser a linguística uma ciência moderna, por assim dizer, e que surgiu na Europa e chegou ao Brasil em meados do século passado, para discutir e investigar as questões da linguagem até então pouco conhecidas.

MONTEIRO, M. C. S. D. Carta-prefácio de Luís da Câmara Cascudo...

O prefaciador se vale de suas memórias para traçar o perfil de seus antigos mestres, que, já naquela época, “[...] lamentavam o abandono coletivo da higiene vocabular, das bases elementares da sintaxe, acusando a complicada aparelhagem didática como responsável pelo juvenil desamor” (CASCUDO, 1963, p. 09-10). Essa crise do ensino pode ter sido ocasionada pela metodologia que não atendia mais à demanda dos jovens daquele tempo. O prefaciador faz referência ao “[...] tempo alucinante em que vivemos” (CASCUDO, 1963, p. 09). Tal comentário nos possibilita perceber que aquele tempo é reiterado pelo prefaciador como moderno, propenso a mudanças, por isso a necessidade vital da reforma na língua. Mas não apenas isso. Era preciso, também, repensar as formas de como se ensinar.

Conforme orientam os princípios básicos dos *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio* (1999), o aparato metodológico deve considerar os diversos gêneros do cotidiano, tendo o texto como eixo central, além de não poder ignorar o caráter sócio-interacionista da linguagem verbal. Neste sentido, entendemos que a literatura precisa se fazer presente nas aulas de leitura e essas aulas devem ter como suporte básico o texto literário. Essa recomendação, especialmente essa linha de raciocínio, que interpretamos como presente nos *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio* (1999), está em consonância com o pensamento do estudioso Antonio Candido (2005), quando afirma que o texto literário apresenta dois aspectos básicos:

a) acessório

b) essencial

O primeiro é a sua realidade material (aspecto, papel, caligrafia, tipo, estado do texto etc.), mais a sua história (por quem, como, onde, quando, em que condições foi escrito). É, por assim dizer, o corpo da obra literária e a história deste corpo. (CANDIDO, 2005, p. 13).

O crítico literário sugere que sempre se deve levar em conta os aspectos que estão envolvidos no contexto do estudo do texto literário e lembra também de que cada um tem sua função: “O estudioso de literatura visa essencialmente ao conhecimento e análise do texto literário” (CANDIDO, 2005, p. 13).

Luís da Câmara Cascudo também dialogaria com o que preconizam os *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio*, quando diz que a literatura se constitui de forma simples e prática, conforme a escrita de autores que já estão no cânone, tanto no Brasil quanto em Portugal: “o ensino claro [...] possibilitando um estilo *Imburana* – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. n. 7, jan./jun. 2013

MONTEIRO, M. C. S. D. Carta-prefácio de Luís da Câmara Cascudo...

natural e nobre, como o do português Frei Luís de Sousa ou do brasileiro Machado de Assis” (CASCUDO, 1963, p. 10).

O ensino/estudo do texto, visto a partir dessa perspectiva sugerida pelo prefaciador, pode ser considerado problemático na prática, quando se sabe que “Muitas discussões existem sobre a inserção da leitura literária na escola, mas o grande desafio de tais reflexões ainda é fornecer subsídios teóricos e metodológicos para auxiliar a prática pedagógica dos professores” (MARTINS, 2006, p. 82).

Para o autor do prefácio, é no texto literário, isto é, na literatura, “onde a simplicidade é riqueza e a naturalidade elegância do bom gosto legítimo” (CASCUDO, 1963, p. 10). Essa atitude do escritor do romance *Canto de Muro* (1957), pode estar pautada em sua vivência e experiência como leitor de literatura, e mesmo representando um posicionamento conservador sobre o seu ensino, isso é explicável a partir da seguinte constatação de Regina Zilberman acerca do processo histórico do ensino no Brasil: “a escola destinava-se sobretudo às elites, se tratava de difundir a língua padrão e a literatura canônica, com a qual se identificavam os frequentadores das salas de aula” (ZILBERMAN; RÖSING, 2009, p. 13).

Embora defendendo a tradição no seu aspecto mais conservador, o autor do prefácio que analisamos se mostra possuidor de uma compreensão, pode-se dizer, um tanto avançada e moderna de ensino, sobretudo no que se refere ao ensino da gramática. Ele entendia que coexistiam duas gramáticas, uma primeira que seria, segundo ele a: “GRAMÁTICA POPULAR, viva e pelo uso acrescida pela velocidade em que vivemos, cada vez mais ampla e conquistadora, [...]” (CASCUDO, 1963, p. 10). E a outra é a “GRAMÁTICA que nos foi ensinada e que capitaliza a experiência secular do bem falar” (CASCUDO, 1963, p. 10 – Grifos do autor). Essas duas concepções de gramáticas, apresentadas e conceituadas por Cascudo, levam-nos a crer que ele estava inteirado sobre recentes discussões a respeito do ensino da linguagem no Brasil, e podem solidificar a ideia de que ele conhecia e se interessava pelo assunto em discussão, visto que há neste aspecto uma interface com as questões de cultura popular e tradicional pesquisadas por ele ao longo do século XX.

Destacamos a percepção do autor de *Flor de romances trágicos* (1966), quando se trata da existência de uma gramática não oficial — a chamada “gramática popular”, que compreende, nas palavras do prefaciador, um conjunto de regras usadas pelo povo,

MONTEIRO, M. C. S. D. Carta-prefácio de Luís da Câmara Cascudo...

o português “de brancos e de pretos, analfabetos e letrados” (CASCUDO, 1963, p. 09). Essas variantes linguísticas identificadas pelo prefaciador foram demarcadas pelo seu caráter étnico-racial e social.

Esse entendimento de Luís da Câmara Cascudo reitera o seu perfil de estudioso, porque somente alguém imerso no mundo do conhecimento, envolvido com a pesquisa, inquieto em relação à sociedade, sensível aos seus problemas, poderia refletir sobre tais questões. O seu posicionamento evidencia, mais uma vez, o caráter complexo da sua visão, pode-se dizer, transdisciplinar, ou estaria registrando e revelando mais uma face do multifacetado escritor?

Ao se reportar ao autor do livro prefaciado, o missivista reitera: “o difícil é localizar o estudante, porque estamos na fase histórica da ciência espontânea e cultura nativa, independentemente das técnicas do cultivo” (CASCUDO, 1963, p. 10). Ao que parece, naquela época havia certa valorização da chamada “ciência espontânea”, crença segundo a qual o conhecimento era adquirido naturalmente, sem o auxílio do ensino formal, sistematizado, e se dava através do contato do ser humano com o mundo, ou seja, era resultado das experiências do cotidiano. A conversa proposta por Severino Bezerra no subtítulo do livro prefaciado revela uma preocupação do autor da obra em estabelecer um diálogo com seus alunos e essa ideia é partilhada pelo prefaciador ao reafirmar:

Estudantes devem ser aqueles que estudam. Para que esses ERREM MENOS, V. dedica uma conversa que é simplesmente uma delícia de oportunidade, finura intelectual, saber inteligentemente posto ao alcance de todos os olhos desejosos de vê-los (CASCUDO, 1963, p. 10).

Em dado momento, o prefaciador reflete sobre a função da obra prefaciada, a qual, segundo ele, servirá para: “Alinhar o texto comum da redação banal de todos os dias, com a gramática ‘intuitiva’ que sabemos sem ter aprendido mas ouvindo a doutrina popular e pondo a retificação serena e certa, é o essencial, [...]” (CASCUDO, 1963, p. 10). Lembra também que a obra “atenderá a uma necessidade urgente”. Isso acontecerá, de acordo com o prefaciador, porque é um “livro na classe insubstituível da lição fácil, doce e segura, sem bulha e sem matinada” (CASCUDO, 1963, p. 11).

Luís da Câmara Cascudo finaliza o texto destacando a contribuição que será dada pelo livro: “PARA ERRAR MENOS evidencia o bom uso, a tradição autêntica da

MONTEIRO, M. C. S. D. Carta-prefácio de Luís da Câmara Cascudo...

linguagem limpa e natural, eficiente e lógica, sem lembrar os andaimes do edifício, como recomendava Bilac” (CASCUDO, 1963, p. 11).

Considerações Finais

Não poderíamos concluir o estudo do prefácio sem nos reportar à sua função. Enquanto gênero (literário), o prefácio tem como missão fornecer informações acerca da obra prefaciada e seu autor, bem como outras que o autor do texto, ou seja, o prefaciador julgue necessárias ao entendimento da obra.

No prefácio à obra *Para errar menos: conversa com estudantes* (1963), o discurso prefacial cascudiano nos presenteia com todos esses aspectos e vai além, deixa pistas de como pensava a questão do ensino da linguagem, incluindo-se aí a língua e a literatura.

Ao ler o prefácio, o leitor já descobre que ele está organizado de forma didática: o que é a obra, a quem se destina, qual sua função, isto é, para que e para quem ela servirá. Observamos também que Luís da Câmara Cascudo deixou suas impressões sobre a obra e o assunto por ela tratado. Essa especificidade do prefácio cascudiano nos faz pensar na seguinte hipótese: estaria o prefaciador “ensinando” através dos prefácios? Do mesmo modo que o discurso prefacial cascudiano propõe, no paratexto, o ensino da linguagem pela via da literatura, poderíamos supor que ele estava usando o gênero literário prefácio para ensinar? Ao refletir acerca dessa possibilidade, recorreremos a Antonio Candido, quando trata da função da literatura. Para ele, literatura é “algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (CANDIDO, 2000, p. 80). O estudioso acrescenta ainda que a função da literatura é humanizar, pois, ela “*não corrompe nem edifica [...] humaniza em sentido profundo, porque faz viver*” (CANDIDO, 2002, p. 85 – Grifos do autor)

Com o estudo da carta-prefácio aprendemos que o olhar de Luís da Câmara Cascudo estava aguçado para questões relacionadas ao ensino/estudo da linguagem e que, mesmo suas concepções estando condicionadas ao conservadorismo, não o impediram de ter um posicionamento relativamente avançado sobre a questão, o que nos leva a crer que essa é mais uma área do conhecimento que se insere na sua visão transdisciplinar e complexa.

MONTEIRO, M. C. S. D. Carta-prefácio de Luís da Câmara Cascudo...

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, H. H. *Consciência moderna e movimentos: o modernismo nas cartas trocadas entre Câmara Cascudo e Joaquim Inojosa*. Relatório final de estágio de pós-doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada/FFLCH/Universidade de São Paulo-USP, 2012.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1980.

_____. Direitos humanos e literatura. In: Fester, A. C. Ribeiro (Org.) *Diretos humanos e literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. A literatura e a formação do homem. In: *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

_____. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

CASCUDO, L. C. Meu caro professor Severino Bezerra (Prefácio). In: MELO, Severino Bezerra de. *Para errar menos: conversa com estudantes*. Natal: DEI, 1963.

FERREIRA, J. L. *Gilberto Freire e Câmara Cascudo: entre a tradição, o moderno e o regional*. 2008. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: Leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.

MARTINS, I. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (org). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editora, 2006.

MELO, Severino Bezerra de. *Para errar menos: conversa com estudantes*. Natal: DEI, 1963.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica/MEC, 1999.

TELES, G. M. *Retórica do silêncio I: teoria e prática do texto literário*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1989.

VIEIRA, C. S. *Entre as coisas do mundo e o mundo das coisas: prefácios cívicos e impressos escolares no Brasil republicano*. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade de São Paulo, 2008.

ZILBERMAN, R. & RÖSING, T. M. K. (Orgs.) *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.